

# Vocação: arte e cultura

A vocação para promover a arte e a cultura é mais um aspecto compartilhado pelas famílias à frente do Itaú e do Unibanco: Villela, Setubal e Moreira Salles. Foi a inclinação pessoal dos patriarcas que levou os descendentes a consagrar seus talentos empreendedores, e boa soma de recursos, à criação de centros culturais e institutos, conferindo às marcas dos dois bancos a imediata associação ao mundo das artes.

Não seriam os únicos exemplos no mundo financeiro. John Pierpont Morgan, que esteve na origem do JP Morgan Chase, possuía uma imensa coleção de livros que gerou a The Morgan Library & Museum. Andrew Carnegie foi fundador da Universidade Carnegie Mellon e construtor da sala de concertos de Nova Iorque, o Carnegie Hall. E, mais recentemente, David Rockefeller, muito próximo do embaixador, de Eudoro Villela e Olavo Setubal, defendia a tese de que “todas as empresas devem ser responsáveis em relação ao bem-estar de sua comunidade”. Incluído, neste bem-estar, é claro, está o acesso à cultura.

Mesmo que essas iniciativas não tenham influenciado diretamente Itaú e Unibanco, eram tendências das décadas de 1970 e 1980, e foi nesse cenário em que nasceram no Brasil as instituições pioneiras dos atuais Itaú Cultural e Instituto Moreira Salles.

O primeiro, bastante próximo de um centro cultural, mas trazendo personalidade própria pela ênfase na técnica e na informática. Já o segundo, constituindo-se em instituto de guarda de acervos, com vistas à sua preservação e divulgação.

Itaú e Unibanco se destacam como raros conglomerados financeiros dedicados ao cultivo da arte e da cultura, em suas mais diversas manifestações, desde as coleções particulares à concepção de institutos culturais de ponta.

*Museu a céu aberto, o Itaú Unibanco Centro Empresarial reúne obras de arte em meio a rico paisagismo, de vegetação exuberante, espelhos d'água e cascatas, usufruto permanente de funcionários e visitantes. Na foto, do piso terraço e saguão da Torre Walther Moreira Salles, há obras de Frans Krajcberg, Beatriz Milhazes, Fernand Léger e Artur Lescher.*





Olavo Setubal com David Rockefeller, então chairman do Chase Manhattan e tradicional colecionador de arte, na inauguração do Banco Itaú de Nova Iorque, 1980.



*Livros raros da coleção Brasileira. A Brasileira foi iniciada por Olavo Setubal discretamente, auxiliado pelo bibliófilo Ruy Sousa e Silva e pelo editor Pedro Corrêa do Lago. A importância da coleção levou à montagem da exposição Coleção Brasileira Itaú, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, evento que foi marco no circuito cultural da cidade. Por sua representatividade, circulou por algumas capitais do país, merecendo finalmente a impressão de suas obras em livro, sob o título Brasileira Itaú, uma grande coleção dedicada ao Brasil, editada por Pedro Corrêa do Lago, editora Capivara, em 2009. Na foto acima, famoso livro de Barleus com gravuras a partir de Frans Post.*

Além disso, não se pode perder de vista a conjuntura da época em que foram inaugurados os dois espaços culturais dos bancos, que estimulava iniciativas do gênero. Desde final da década de 1980, com a abertura política, deu-se início à implementação de leis de incentivo fiscal em apoio à cultura. Em 1986, era aprovada a Lei Federal nº 7.505, a Lei Sarney, que visava à “concessão de benefícios fiscais, na área do Imposto de Renda, a toda operação de caráter cultural ou artístico”. Em 1991, seria substituída pela Lei Rouanet ou Lei de Incentivo Federal à Cultura. Surgia, portanto, um ambiente favorável à criação de instituições culturais e de manifestações artísticas, compatíveis com o novo momento de liberação da censura.

Os investimentos do Itaú Cultural dão destaque para a valorização das tradições genuinamente nacionais, para as práticas, temáticas e suportes de propagação da cultura brasileira.

Por exemplo, a Brasileira Itaú é uma coleção que cobre os principais registros visuais e documentais – com ênfase nas manifestações das artes plásticas e na bibliofilia do Brasil. Trata-se de um conjunto de milhares de peças. No livro dedicado à coleção,<sup>1</sup> o acervo foi dividido em seis grandes categorias: Obras de Arte, Livros Impressos, Documentos Manuscritos, Cartografia, Economia e Finanças. O subtítulo do livro explicita o espírito da reunião de obras e peças: “Uma grande coleção dedicada ao Brasil”. Alfredo Egydio Setubal relembra que o pai, quando participava da organização da Brasileira, não se cansava de repetir que, sendo o banco brasileiro, e considerando ele que esse sentimento de brasilidade era algo a ser preservado para sempre, a coleção tinha uma ligação natural e intrínseca com a instituição financeira.

Há muito que se ver na Brasileira. Lá, além de Frans Post, está a primeiríssima obra de Eckout, pintada no Brasil: *Retrato de menino*, de 1637. Lá está um exemplar do que possivelmente foi o primeiro livro impresso legalmente no Brasil: *Ensaio histórico, político e filosófico de Portugal*, de 1808, exatamente o ano da chegada da Família Real ao país, quando a produção de livros foi liberada. Há ainda reproduções de impressos de Angelo Agostini, do século XIX, o expoente das caricaturas e histórias em quadrinhos no Brasil. E curiosidades como primeiras edições de nossa literatura e um exemplar das *Poesias Completas*, de Machado de Assis, com a letra de Machado corrigindo à mão erros de impressão. Está lá até mesmo o documento fundador da dívida externa brasileira, assinado por d. João VI.

Hoje, o Instituto Itaú Cultural dedica-se ao desenvolvimento e difusão de um grande banco de dados digital sobre arte brasileira. A Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras é uma fonte de conhecimento e de amplo acesso público, atinge cerca de 1,2 milhão de visitantes únicos a cada mês.

Lançada em 2001, como uma publicação apenas de artes visuais, a Enciclopédia ampliou seu olhar e hoje é uma obra de referência com

informações sobre artes visuais, arte e tecnologia, literatura, teatro, cinema, dança e música produzidos no Brasil.

Na publicação virtual, hoje o leitor tem acesso a cerca de 8 mil verbetes, de biografias de artistas, escritores, críticos e colecionadores, análises de obras, termos e conceitos, histórico de grupos, movimentos e instituições do circuito da arte brasileira, entre outros, ilustrados por cerca de 12 mil imagens. O leitor também pode acessar 34 mil registros de exposições de artes visuais e 11 mil de espetáculos de teatro e dança.

Já o Instituto Moreira Salles, concentra-se na reunião do maior acervo fotográfico do país, que retrata, sobretudo, cenas nacionais, além de arquivos referentes à música, à literatura e às artes visuais. A casa da Gávea, antiga residência do embaixador e da família no Rio de Janeiro, em si mesma uma obra de arte arquitetônica, abriga a maior e mais importante unidade do IMS. A casa esteve fechada por 15 anos. Passou, então, por reformas, foi doada especificamente para servir ao IMS, e reaberta em 1999.

Na trajetória do embaixador, sempre esteve presente o envolvimento com a arte e a cultura. E não somente por sua vivência internacional, como por cargos que exerceu, como a presidência do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), em 1974.

Ambas as famílias cultivaram obras de arte, com destaque inicialmente para coleções de Elisa Moreira Salles e Tide Setubal, ainda que em momentos diferentes. Elisa, em sua casa do Rio de Janeiro, e Tide na casa de São Paulo. Alfredo Egydio Setubal, que atribui à mãe seu envolvimento com as artes plásticas, menciona que os pais tinham preferências bastante distintas no campo da arte: “A minha mãe gostava de obras modernas, fortes e coloridas. Meu pai era de gosto mais clássico, sempre foi. A casa em que a gente morava na rua Sergipe era supermoderna, decorada pelo Jacob Ruchti, que era mais arquiteto do que decorador. Essa orientação vinha da minha mãe, porque o meu pai faria uma casa à francesa?”

Na história do embaixador, o envolvimento com a arte corresponde a sua personalidade pública. O que pode surpreender é que também Olavo Setubal – tão pragmático e voltado para a tecnologia – tenha igualmente cultivado uma inclinação para a reunião de coleções de obras, além de promover iniciativas institucionais na área cultural, fundamentais na qualificação do país. No entanto, há aspectos sutis a se considerar.

Havia todo um clima, nos anos 1980, que sugeria às grandes corporações, especialmente financeiras, no mundo ocidental, uma preocupação social e em particular incentivo a manifestações artísticas e culturais. O próprio público – cliente dessas organizações – nutria certa expectativa de que as empresas atuassem nesse sentido. Há um espaço a ser ocupado, até hoje, e mais ainda na época. Foi nesse contexto que o Itaú e o Unibanco se tornaram pioneiros como empreendedores culturais.



*Alfredo Egydio Setubal, filho de Olavo e Tide Setubal, bacharel e doutor em administração de empresas pela FGV - SP, com especialização no Insead da França, surpreende pela multiplicidade de tarefas que desempenha no Grupo. Para além das altas funções executivas como diretor de Relações com Investidores e vice-presidente da Wealth Management & Services do Itaú Unibanco, é o responsável pelo acervo artístico do banco. Atribui seu gosto e envolvimento com arte à influência da mãe, com afinidade pela arte moderna. Em razão de sua bagagem e identidade com arte contemporânea, é conselheiro da Fundação Bienal de São Paulo (Bienal), do Instituto de Arte Contemporânea (IAC), diretor financeiro do Museu de Arte Moderna (MAM) e vice-presidente executivo do Itaú Cultural. Coube a Alfredo Setubal a publicação da Brasileira que seu pai havia constituído no breve espaço de menos de dez anos.*

## Arte para 1,5 milhão de pessoas

O acervo de obras de arte do Itaú Unibanco, mantido e gerenciado pelo Itaú Cultural, é um dos mais importantes acervos de arte de instituições corporativas do mundo. A coleção começou a ser formada na década de 1960, quando Olavo Egydio Setubal adquiriu uma obra do pintor holandês Frans Post.

Hoje, é composta por mais de 12 mil itens, entre pinturas, gravuras, esculturas, fotografias, filmes, vídeos, instalações e peças das coleções Itaú Numismática e Brasileira Itaú que, reunidas ao longo de mais de 45 anos, cobrem toda a história da arte brasileira – além de importantes períodos da história da arte.

Mais impressionante do que o número de obras que compõem o acervo, no entanto, é o número de pessoas que já entraram em contato com ele. Por meio de recortes curatoriais dessa vasta coleção – organizados de acordo com temas ou áreas de expressão artísticas –, são realizadas mostras em todo o Brasil e em instituições parceiras de outros países.

Entre o início de 2010 e o primeiro semestre de 2014, os diferentes recortes do acervo foram visitados por cerca de 1,5 milhão de pessoas em 43 exposições por 18 cidades brasileiras e de outros sete países, além de estarem presentes nos vários prédios do Grupo Itaú Unibanco.

Elaboradas pelo Instituto Itaú Cultural, essas exposições ilustram a preocupação do Itaú Unibanco de não apenas incentivar e preservar a produção artística no Brasil, mas também fazer com que ela esteja ao alcance de todos.

Em levantamento realizado pela International Association of Corporate Collections of Contemporary Art (IACCCA), o acervo do Itaú Unibanco consta como a oitava maior coleção corporativa do mundo – no recorte apurado – e a primeira da América do Sul. Os dados foram publicados em 2014 no livro *A Celebration of Corporate Art Programmes Worldwide*.



Roberto Bornhausen, presidente do Unibanco durante muitos anos e bastante próximo do embaixador, testemunhou seu apreço pelas atividades culturais: “Quando foi ficando menos presente no banco, porque as coisas já estavam caminhando da forma que ele queria, Walther começou a se dedicar regularmente ao Instituto Moreira Salles. Ele era muito intelectualizado, gostava de artes, a promoção cultural era um grande prazer para ele”.<sup>3</sup>

Jairo Cupertino, amigo de vida e trabalho de Olavo Setubal, confirma a afeição crescente do empresário pelas artes: “É engraçado porque, na primeira fase da vida, ele fazia peças fundidas industriais e considerava aquilo como obra de arte. Ele não se interessava por nada mais, era focado no trabalho. Quem gostava de artes era a Tide. Mas como o pai dele era poeta, acredito que essa cultura artística ficou latente dentro do Olavo. Mais tarde, na prefeitura, ele descobriu um novo mundo. O mundo político e social. Já na terceira fase dessa trajetória, quando nós fizemos o prédio do antigo CEIC, ele começou a se ocupar mais com as artes. Ele tinha muitas facetas e, como sua objetividade era muito grande, suas ações foram muito diferentes em cada ocasião da vida, mas sempre com resultados surpreendentes”.<sup>4</sup>

Os biógrafos de Setubal mencionam seu engajamento crescente no mundo das artes e cultura, principalmente quando se afastou das funções executivas, a partir de 1985, e trazem seu relato: “Passei a preencher parte do meu tempo, agora mais livre, com arte e antiguidades. (...) O que antes era um hobby, tornou-se paixão. Essa relação, convenhamos, vem um pouco de minha mãe, Dona Francisca. Ela queria que eu estudasse arte, me dava



livros. (...) Mais tarde, nas minhas viagens aos Estados Unidos e à Europa, visitei museus e galerias e me impregnei com a atmosfera dos quadros e esculturas. Meus interesses e conhecimentos cresceram com a compra de livros e as visitas às galerias, às Bienais de São Paulo, os meus contatos com artistas”.<sup>5</sup> Em 1991, ao anunciar o seu afastamento da presidência do Conselho do Unibanco, Walther Moreira Salles citou o escritor Jorge Luis Borges: “A vida é feita de momentos felizes”. E, segundo todos que conviveram mais intimamente com ele, uma das grandes alegrias de sua vida foi a criação do Instituto Moreira Salles. Garantia que estava vivendo um dos melhores momentos da sua existência ao anunciar a criação do instituto. Em 1999, cedeu sua casa, no Alto da Gávea, no Rio de Janeiro, para a instalação da quarta unidade do instituto, já com três unidades instaladas em Poços de Caldas e São Paulo.

Há uma distinção a ser feita aqui. O Instituto Itaú Cultural nasceu como parte do Banco Itaú e hoje permanece como um grande projeto cultural do Itaú Unibanco. Já o Instituto Moreira Salles é uma instituição não vinculada às empresas do grupo, com patrimônio próprio e uma gestão independente. Não obstante essas especificidades, importa considerar que cumprem papéis cívico culturais exemplares, figurando como raras instituições de apropriação cultural democrática, expressão do entendimento da importância da cultura no país e, mais que isso, da identificação e preservação da identidade nacional.

*Na página anterior, Lygia Reinach. Múrmurios, 1992. Localização: piso terraço da Torre Walther Moreira Salles.*

*Acima, Alfredo Ceschiatti. Sem título, s.d. Localização: piso térreo da Torre Olavo Setubal.*



Povoado numa Planície Arborizada, de Frans Post, primeira aquisição de uma obra de arte para o Banco Itaú, em 1969. Sem que houvesse uma premeditação de curadoria, a tela dava origem ao acervo de perfil acentuadamente nacional da instituição, figurando como uma das primeiras representações do Brasil colonial. Frans Post. Povoado numa Planície Arborizada, séc. XVII.



O engenheiro Olavo Setubal trazia de casa o apreço artístico, com inusitada sensibilidade para arte. Nada estranho, portanto, que no início dos anos de 1970, o banqueiro apoiasse a ideia de abertura de espaços em algumas agências do banco a artistas plásticos emergentes, ainda sem grande divulgação

## Povoado numa planície arborizada

No Itaú, tudo começou em 1969, com a tela *Povoado numa Planície Arborizada*, do pintor holandês Frans Post. Foi a primeira aquisição de uma obra de arte para o banco. O quadro do século XVII registrava a paisagem social e natural do Nordeste brasileiro. Já prenunciava o estilo que iria prevalecer na coleção que o Itaú iria reunir.

Hoje, cinco séculos de história brasileira estão guardados no imenso conjunto artístico do Itaú Unibanco. A partir desse acervo, foram realizados inúmeros projetos culturais destinados a retratar muitas das facetas da identidade brasileira – e, premeditadamente ou não, esse foi, desde o início, o foco da coleção.

No mesmo período, ocorriam outras realizações, como o projeto das Itaú Galerias. Vale observar que o festejado artista contemporâneo Wesley Duke Lee projetou-se significativamente pelas Itaú Galerias, espalhadas em vários pontos de todo o país, cujo objetivo era valorizar artistas emergentes.

O início dessas galerias foi curioso, quase ocasional: “Em 1971, Moller, um artista que fazia esculturas a partir de sucata, procurou o banco com uma proposta: aproveitar os espaços das agências para exposições. A ideia foi aceita e Moller realizou a sua mostra na agência da alameda Lorena com rua Augusta, em São Paulo. Nasceu aí o projeto – encampado sem hesitação por Olavo Setubal – de se aproveitar espaços ociosos do banco para exposições de arte. Era o embrião do Itaú Cultural. As mostras provocavam uma simbiose entre os artistas emergentes e o banco, as artes traziam uma nova fatia de público, fazia-se um pequeno *vernissage*, uma forma agradável de se contribuir com a sociedade. A divulgação das Itaú Galerias era de baixo custo e dava um grande retorno em termos de imagem, além de abrir espaço para artistas que as galerias oficiais não aceitavam por questões de mercado. Chegou-se a ter 18 agências com galerias, com uma exposição por mês em cada uma. O banco começou a montar um acervo, comprando obras”.

## Instituto Cultural Itaú

As Itaú Galerias, inauguradas a partir de 1971, de certa forma, inspiraram a emergência do Instituto Itaú Cultural. A nova instituição – iniciativa pioneira de um banco no país – foi fundada por Olavo Egdio Setubal em 23 de fevereiro de 1987, valendo-se dos incentivos recém-criados da Lei Sarney. Pertencia à Itaúsa, a *holding* do grupo, inaugurando-se, efetivamente, em 5 de outubro de 1989. Tratava-se de um banco digital de dados sobre a cultura brasileira, o primeiro no território brasileiro, constituindo-se quase dez anos antes da chegada da internet ao país.

Seu primeiro diretor-superintendente foi o urbanista Ernest Robert de Carvalho Mange, engenheiro politécnico, corroborando o estereótipo do Itaú como o banco dos engenheiros. Mange, contudo, tinha um perfil diferente do típico politécnico “uspiano”, em geral voltado exclusivamente para a técnica. Ainda recém-formado, envolveu-se em arte e urbanismo. Ele próprio foi artista plástico, pintor, arquiteto e urbanista. Sua formação o levava a trilhar caminhos da construção artística contemporânea, com estágios no escritório do arquiteto Rino Levi, no ateliê do arquiteto Le Corbusier, em Paris, frequentando a partir de 1950 o ateliê de escultura de Caetano Fraccaroli, em São Paulo.

Da vida profissional, trazia vasta experiência da atuação nos órgãos de administração pública da cidade, à frente da Empresa Municipal de Urbanismo (Emurb), da Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (Cohab) e da Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano (Sehab). Permaneceu dez anos como diretor-superintendente do Instituto Itaú Cultural (IIC), de 1987 a 1997.

A formação de Mange era ideal para os propósitos de Olavo Setubal, uma vez que o projeto para o Itaú Cultural, a formação de um banco de dados, exigia qualidades técnicas e tratamento de ponta. Pioneiramente, utilizavam-se recursos da informática para o armazenamento de informações sobre pintores brasileiros dos séculos XIX e XX. O acesso se dava por meio da utilização de microcomputadores instalados no Centro de Informática e Cultura (CIC), localizado na avenida Paulista e aberto ao público em geral.

Alfredo Egdio Setubal – filho de Olavo Setubal e hoje responsável pelo acervo artístico do Itaú – sublinha a importância do banco digital de dados culturais, inédita iniciativa do Itaú na década de 1980: “O Itaú Cultural foi concebido para ser um grande banco de dados eletrônico sobre a arte popular brasileira. Não foi concebido para ser um lugar de exposições ou eventos. Essa origem é o que hoje a gente chama Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras, que é o grande produto do Itaú Cultural para a sociedade. É, com certeza, o maior – pois continua sendo atualizado – banco de dados de arte, a grande referência. Qualquer jornalista, pesquisador, historiador tem nesse banco brasileiro de arte uma das principais fontes de consulta”.<sup>6</sup>

A criação do Instituto Itaú Cultural foi contemporânea da efervescência que tomou o banco na ocasião em que o Itaú se iniciava na informática. Em depoimento prestado por Renato Cuoco, também engenheiro pela Escola Politécnica da USP, que ingressara no Itaú em 1969 e à frente da informatização do banco, a tecnologia presidiu o nascimento do instituto cultural: “O Itaú Cultural nasceu com tecnologia. Meu pessoal desenvolveu tratamento de dados antes da adoção de qualquer Windows. Trabalhei com Ernesto Mange, arquiteto urbanista. Era extremamente agradável poder trabalhar com pessoas fora de minha área”<sup>7</sup>



Primeiro Centro de Informática e Cultura (CIC) do Itaú – 1989, na avenida Paulista, 2424. Na esteira das Itaú Galerias, o engenheiro Olavo Setubal, aberto às tecnologias de vanguarda, inferiu a potencialidade da informática a serviço da arte. Em 23 de fevereiro de 1987, criou o Instituto Cultural Itaú (ICI) hoje Instituto Itaú Cultural (IIC), iniciativa pioneira de um banco na América Latina, apoiada nos incentivos recém-criados da Lei Sarney. Foi também a primeira instituição da América Latina a disponibilizar banco de dados informatizado para os visitantes, inicialmente com 500 imagens digitais de obras de arte. Hoje, sua Enciclopédia Itaú Cultural de Artes visuais é uma referência para pesquisadores e estudantes.



*Ernest Robert de Carvalho Mange foi o primeiro diretor-superintendente do Instituto Cultural Itaú - ICI (atual Instituto Itaú Cultural). Sua vasta formação, que conjugava a prática da engenharia e o cultivo das artes, permitiu-lhe a visão abrangente exigida por Olavo Setubal para tocar o IIC. Engenheiro pela Politécnica, atuou em várias áreas como pintor, arquiteto, urbanista, professor. Estagiou no escritório do arquiteto Rino Levi, no ateliê do arquiteto Le Corbusier e no ateliê de escultura de Caetano Fraccaroli. Trazia o currículo ideal para dar início ao desafio de reunir informática e arte, na fase incipiente da matéria no Brasil.*

## Os primeiros anos

Desde sua fundação em 1987, o Instituto Itaú Cultural destacou a importância da linguagem audiovisual como poderosa ferramenta para o ensino, acompanhando de perto as preocupações do fundador, Olavo Setubal. Nos primeiros anos, idealizou-se o projeto Panorama Histórico Brasileiro (PHB) – série de documentários sobre períodos marcantes da história do país –, distribuído gratuitamente a escolas e bibliotecas de todas as regiões brasileiras para ampliar as ações educativas do instituto e sua inserção nos meios de comunicação.<sup>8</sup> Em 1988, o Itaú Cultural tornou-se a primeira instituição na cidade de São Paulo a digitalizar uma imagem, a obra *O Apóstolo São Paulo* (1869) de Almeida Jr. Iniciou-se a produção da série de filmes, Panorama Histórico Brasileiro (PHB), para ampliar as ações educativas do instituto e sua inserção nos meios de comunicação.

Em 5 de outubro de 1989, outro fato marcante: a inauguração do primeiro Centro de Informática e Cultura (CIC), quando o instituto foi aberto ao público, em uma casa da avenida Paulista, 2.424, endereço emblemático da capital, no alto do espigão da cidade.

O banco de dados informatizado passou a ser disponibilizado aos visitantes, tornando o Itaú Cultural a primeira instituição da América Latina a oferecer esse tipo de serviço. Inicialmente, a oferta recaiu no Módulo Pintura – Setor Pintura no Brasil, séculos XIX e XX. Eram imagens digitais de obras de arte, com dados de 800 artistas e 1.350 obras selecionadas. Foram lançados os primeiros títulos da série PHB. Ato contínuo, na avenida Paulista, foi adquirido um terreno para a construção do espaço cultural, que se tornaria, em 1995, a sede da instituição.

Em 1990, as atividades do instituto cultural ampliaram-se com a abertura e a integração do Núcleo de Informática e Cultura, em Belo Horizonte. Nesse ano, começaram a ser feitas mostras temáticas itinerantes, organizadas com base no banco de dados informatizado e no acervo de obras de arte do Banco Itaú.

O instituto ampliava suas atividades, com palestras e eventos que mobilizavam a cidade. Em 1992, ocorria a abertura do Centro de Informática e Cultura em Campinas e, em São Paulo, começava a construção do atual edifício do instituto. No ano de 1993, registraram-se três atividades inovadoras: inauguração do Módulo Literatura Brasileira, Setor Poesia no banco de dados informatizado; a série de vídeos *Encontros*, com vídeos de Roberto Moreira, Décio Pignatari, André Klotzel, entre outros; e o lançamento dos *Cadernos História da Pintura no Brasil – Academismo*. No ano seguinte, 1994, o banco de dados informatizado lançava Módulo Pintura no Brasil, Séculos XVI, XVII e XVIII (Barroco), com 77 biografias e 500 fotografias.



## Nova sede: avenida Paulista, 149

O ano de 1995 marcou a abertura ao público da atual sede da instituição na avenida Paulista, 149. Uma foto da inauguração dá a medida do significado do empreendimento cultural para o país, trazendo em primeiro plano seu fundador, Olavo Setubal, o diretor Roberto Mange, e o então presidente da República Fernando Henrique Cardoso.

O moderno edifício resultava de projeto de autoria do próprio Roberto Mange, com nove andares e área útil de 4.410 metros quadrados, em tratamento moderno, destacando-se na proeminente paisagem urbana da avenida Paulista.

As atividades da antiga sede, relativas ao CIC I, foram encerradas, iniciando-se nova e intensa programação, com lançamento já em 1995 dos *Cadernos Modernismo*, das séries *Cadernos Poesia Brasileira* e *Região Tiradentes*; e da segunda edição, revista e ampliada, dos *Cadernos da Cidade de São Paulo*.

Em 1997, chegava-se ao final da primeira década de atividades do Itaú Cultural. Não se tratava apenas de um marco cronológico na história

*Antiga sede do Itaú Cultural, quando do lançamento das atividades de Literatura, em 1993, ampliando o espectro temático do IC. Como de hábito, Olavo Setubal, ao centro, envolvia-se com todo o processo, inteirando-se de seus procedimentos e interagindo com a equipe de trabalho.*



Inauguração do novo prédio do Instituto Itaú Cultural, na avenida Paulista, 149, em 1995. Descerrando a placa, o então presidente da República Fernando Henrique Cardoso, tendo ao lado Olavo Setubal.

Ricardo Ribenboim, arquiteto de formação, com atuação como designer gráfico e de produtos, imprimiu curadoria renovada ao então IIC, como diretor-superintendente até 2002.



do instituto, mas também registra a aposentadoria de Roberto Mange, então com 75 anos, responsável pelos primeiros passos da instituição e a consolidação de suas inovadoras práticas culturais.

## Novos rumos

Em 1997, o artista visual Ricardo Ribenboim era nomeado diretor-superintendente do Instituto Itaú Cultural, introduzindo novas concepções e outros programas na casa. Arquiteto de formação, atuava como designer gráfico e de produtos, artista de obras de arte de vanguarda.

Alfredo Egydio Setubal situa a atuação de Ribenboim como decisiva para a atualização do empreendimento, apontando também a disposição de seu pai em trabalhar com profissionais de diferentes perfis. Mange era contemporâneo de Olavo Setubal; já Ricardo Ribenboim, nascido na geração de 1950, trazia concepções inovadoras. Na gestão do Instituto Itaú Cultural, saía o clássico engenheiro, de terno e gravata, e entrava o irreverente artista plástico.

“Meu pai era muito aberto e, por isso, contratou um artista para ser o diretor-superintendente do Itaú Cultural no lugar do Mange que era engenheiro: oposto completo.” É Alfredo Egydio Setubal quem fundamenta a mudança da linha de curadoria do Instituto Itaú Cultural feita por Olavo Setubal: “E o Ribenboim fez uma grande revolução no Itaú Cultural. Criou todos aqueles fundos que existem hoje: artes plásticas, cinema, teatro, dança, entre outros. Isto tudo foi o Ricardo que criou e manteve o projeto do banco de dados informatizado, dando o nome de Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. Mudou até o nome do instituto. Chamava-se Instituto Cultural Itaú e o Ricardo mudou para Instituto Itaú Cultural. É uma diferença que parece sutil, mas é relevante, pois demonstra uma nova forma de ver e comunicar a missão do instituto.”<sup>9</sup> Dentre os novos procedimentos de Ribenboim, destacam-se, particularmente, duas providências: a criação dos eixos curatoriais e as linhas temáticas anuais que passaram a orientar as ações do agora Instituto Itaú Cultural. Nasceria, também, o *site* do instituto.

Destaque-se na nova gestão o programa *Rumos*, também de 1997. Seu objetivo é valorizar a diversidade brasileira, estimular a criatividade e a reflexão sobre a cultura do país e premiar artistas e pesquisadores de várias áreas. Em 16 anos de atuação, o programa possibilitou ações artísticas e culturais que alcançaram mais de 5,1 milhões de pessoas, selecionou 1.130 artistas, pesquisadores e produtores, construiu relacionamentos duradouros e gerou outros programas, reinventando-se a cada edição.

No ano de 1998, ocorreram significativos avanços formais: a instituição adotou seu atual logotipo, passou a denominar-se Instituto Itaú Cultural (IIC) e inaugurou o setor Documentação e Referência (CDR).

Em 2000, surgia novo eixo curatorial, *Investigações*, composto de exposições, palestras, mostras de cinema, espetáculos cênicos e musicais, entre outras ações. Obras premiadas na primeira edição do *Rumos* Itaú Cultural Artes Visuais foram nesse ano apresentadas na exposição *Investigações: Rumos Visuais*.

## A marca de Milú Villela

Data de 2001, o início da gestão de Milú Villela no Instituto Itaú Cultural, a convite de seu tio Olavo Setubal. Tratava-se da primeira mulher da família a tomar parte nos quadros da instituição. Presidente do Itaú Cultural, Milú convidou Eduardo Saron, no ano seguinte, para trabalhar no Instituto. Saron, que trabalhava no governo federal e na Secretaria de Comunicação de governo, tinha como uma das suas atribuições conduzir o comitê de patrocínio das estatais, sobretudo patrocínios culturais. No comitê conheceu a Milú, que o convidou a voltar a São Paulo para gerenciar a área de relações institucionais, assumindo em 2010 a diretoria do Itaú Cultural.

Nascida Maria de Lourdes Villela, a filha de Eudoro e Maria de Lourdes Arruda Villela trazia currículo respeitável para uma representante de sua geração e classe social. Formada em psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, seu relato dos tempos da faculdade é elucidativo das causas em que se envolvia: “Ingressei na PUC em 1965, no curso de Psicologia. Naquela época, como a maioria dos livros da biblioteca da PUC eram em espanhol ou francês, eu mimeografava as apostilas para distribuir aos colegas de classe”.

Veio o casamento, a constituição da família com o nascimento dos filhos Ricardo e Rodolfo Villela Marino, e Milú iniciou sua vida profissional com a criação da Escola Caracol, fundando mais tarde, em 1994, a Associação Comunitária Despertar. Sobre as duas iniciativas, Milú recorda a intenção genuína de intervir para transformar: “Logo após a formatura, eu, duas colegas da faculdade e mais uma pedagoga fundamos a Escola Caracol, adotando o método Piaget. Já a Despertar foi fruto do meu desejo pessoal de encontrar um espaço onde pudesse desenvolver ensino profissionalizante para jovens. O projeto foi idealizado inicialmente para funcionar em um galpão desativado de um terreno da prefeitura de São Paulo, num dos bairros mais agressivos da cidade: Jardim Miriam. Era o ambiente propício para um projeto de inclusão de jovens carentes e sem perspectiva. No início, tivemos muitas dificuldades. Mas, quando abrimos diálogo com os líderes comunitários, mostrando a que viemos, passamos a contar inclusive com a colaboração deles.”<sup>10</sup> Dessa forma, em 1994, a Associação Comunitária Despertar selou parceria com a Prefeitura e com o Sesi, formando 400 jovens por ano em vários cursos profissionalizantes. Uma série de atividades



Milú Villela, psicóloga, empresária e filantropa, assumiu a direção do IIC em 2001. Trazia especial bagagem para o cargo, uma vez que desde 1995 respondia pela presidência do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), onde desenvolveu gestão inovadora e competente. Em quase uma década à frente do IIC, a renovação das atividades, temáticas e práticas foram sua marca.



A nova sede do Instituto Cultural Itaú (atual Itaú Cultural), na avenida Paulista, reforçava a presença da marca Itaú, pois na outra extremidade da avenida estava a sede da Itaútec. O projeto inicial do ICI, em 1995, fora de Ernest Robert de Carvalho Mange. Em 1998/99, foi reformado pela arquiteta Anne Marie Summer e Equipe Itaú Cultural. Em 2001/02 foi ampliado, a cargo de Roberto Loeb, quando passou a ter cerca de 1.700 m<sup>2</sup> de espaço expositivo e o Totem Giratório.

como recreação esportiva, orientação socioeducativa, música e artes cênicas também foi incluída na agenda dos jovens atendidos. Seguindo essa orientação, em 1996, a associação assumiu ainda o Centro de Educação Infantil (CEI) Parque Dorotéia, no mesmo bairro, atendendo cerca de 160 crianças de zero a quatro anos.

As múltiplas atividades não impediram, no entanto, Milú Villela de aceitar, em 1995, a presidência do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), onde desenvolveu gestão marcante. Restaurou o prédio do MAM e dotou o museu de nova estrutura administrativa, dando ali os primeiros passos na gestão de uma instituição do gênero, o que a tornaria ainda mais preparada para mais tarde assumir o Instituto Itaú Cultural.

### O novo prédio do Instituto Itaú Cultural

Uma das primeiras iniciativas de Milú Villela foi apoiar a reforma física do edifício. Tratava-se de um imóvel pequeno demais para conter o novo programa de atividades desenvolvido ao longo dos anos pela instituição.

O objetivo do novo projeto era conquistar o público. Foi concebido pelo arquiteto Roberto Loeb, que associou a transparência do edifício à racionalização das novas circulações, conferindo-lhe um caráter mais acentuado de espaço público aberto à cidade. Assim, foram ampliadas as áreas expositivas, introduzindo a novidade do salão Ponto Digital, espaço destinado à arte cibernética. A entrada principal alocava-se agora na avenida Paulista. Na época, foi lançado também novo logotipo para estabelecer uma identidade única para o edifício, destacando-o na paisagem urbana.

Após cinco meses de obras, o novo Instituto Itaú Cultural era entregue ao público em 11 de maio de 2002. Para além da novidade do Ponto Digital, duas exposições foram abertas simultaneamente à reinauguração: *Pioneiro Palatnik* e *Vertentes da Produção Contemporânea*, com obras de artistas premiados na segunda edição do programa Rumos Itaú Cultural Artes Visuais.

É bastante extenso o registro da programação desses últimos anos de atividade do Instituto Itaú Cultural sob a gestão de Milú Villela, mas pode ser depreendido do balanço que ela mesma faz da atuação do Instituto Itaú Cultural nessa última década: “O compromisso com a cultura brasileira existe desde a criação da instituição há 27 anos. Concebemos e realizamos exposições, espetáculos, mostras de filmes, shows, seminários, palestras e oficinas para professores e publicamos livros, catálogos e vídeos que são distribuídos por todo o Brasil. Contamos ainda com uma miateca e respeitadas enciclopédias virtuais. Nosso *site* tem também uma larga abrangência cultural e educativa. Até dezembro de 2012, só para dar uma ideia, realizamos 856 exposições de arte em vários estados



brasileiros e na América do Sul. Somamos seis milhões de visitantes durante todos esses anos”<sup>11</sup>

A chegada de Milú Villela no Itaú Cultural antecipa o debate e a percepção da necessidade de democratização do acesso à cultura, tema que se tornaria a tônica do governo Lula, um ano depois.

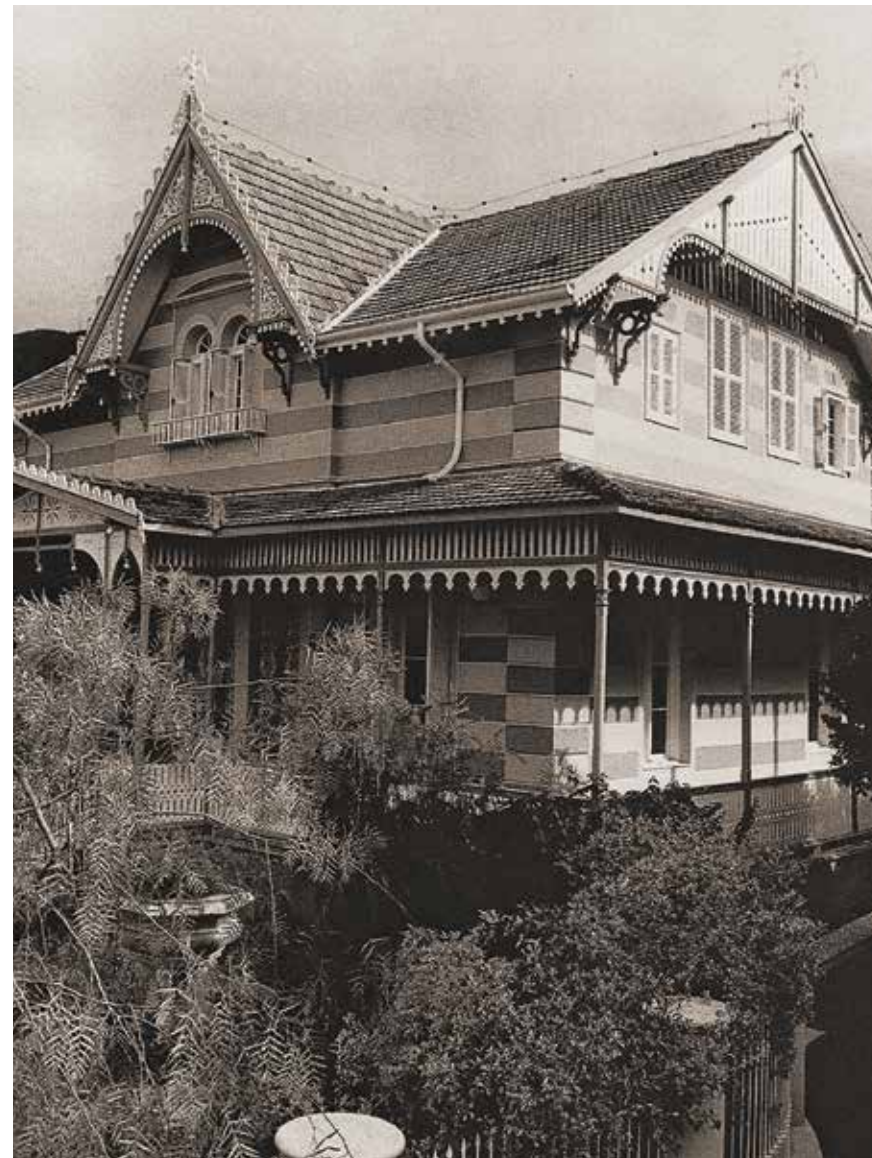
Sob o comando de Milú, as ações do Itaú Cultural transformam essa ideia em realidade, estabelecendo um profundo diálogo com o Brasil, seus artistas, agentes e representantes de instituições culturais e principalmente com o público.

Também com foco na democratização do acesso, o Itaú Cultural, que até então era reconhecido por seu trabalho nas artes visuais, passa a atuar de maneira mais ampla, realizando programas de mapeamento, difusão e formação em todas as áreas de expressão artística.

Outra importante mudança da gestão de Milú é que ela inaugura um processo inovador na parceria público-privada, estabelecendo a necessidade de ampliação do uso de verbas não incentivadas no instituto. O Itaú Cultural se torna referência nessa busca por caminhos de responsabilidade compartilhada entre o público e o privado.

Em 2010, Eduardo Saron, que estava como gestor do instituto desde 2002, assume a diretoria do Itaú Cultural. Com relevante histórico de atuação nas esferas públicas, o diretor reafirma e intensifica a política iniciada na gestão anterior. É a própria Milú Villela quem afirma: “Além de

*Olavo Setubal na Exposição Itaú Cultural Vinte Anos, realizada em 2007, no Espaço Memória no Centro Empresarial Itaú Unibanco. Com o objetivo de perenizar suas ações, o Centro de Memória Documentação e Referência tornou-se o núcleo responsável pela preservação da memória de toda a produção cultural do Instituto nesses 27 anos. Em 2011, o Itaú Cultural assumiu também a gestão do Espaço Memória, núcleo responsável pelo acervo histórico do Itaú Unibanco, uma ferramenta estratégica para valorização da identidade institucional e para aproximação com seus diferentes públicos. No Espaço Memória, localizado no Itaú Unibanco Centro Empresarial, acontecem recortes das exposições do Itaú Cultural e do acervo do banco, propiciando aos funcionários um contato direto com as artes. Ao conhecer a trajetória do banco, os clientes, colaboradores, fornecedores e acionistas desenvolvem um sentimento que reforça a sua identificação com a organização e fortalece a imagem institucional e sua marca.*



O chalé tirolês, remanescente da antiga Poços de Caldas, foi adquirido pelo Instituto Moreira Salles, em 1989, e restaurado para sediar a Casa de Cultura de Poços de Caldas. Projetado e construído pelo arquiteto italiano Giovanni Battista Pansini, em 1894, para a família Cristiano Osório de Oliveira, de São João da Boa Vista - São Paulo, resultava em típico exemplar do ecletismo, presente na arquitetura residencial da cidade balneária ao final do século XIX. Mantinha seus elementos construtivos principais, de cedro e pinho, com alvenaria de tijolos de barro, assentados com argamassa.

conduzir de maneira muito hábil a política que criei no Itaú Cultural, com o tempo, Saron se torna cada vez mais referência como articulador entre instituições culturais, diversas áreas do poder público e a iniciativa privada. Conquista o reconhecimento como importante liderança no debate sobre novos formatos de políticas voltadas ao mundo da cultura".

Com o objetivo de ampliar o perfil de sua programação, em 2011, o Itaú Cultural passa por um edital público e é escolhido gestor do Auditório Ibirapuera, equipamento da Prefeitura de São Paulo, por cinco anos, sem o uso de leis de incentivo fiscal. Dessa forma, a manutenção e curadoria da programação da casa, obra icônica de Oscar Niemeyer e cartão-postal da cidade, passa ao Itaú Cultural – exemplo prático de um novo conceito de gestão cultural envolvendo o público e o privado.

Reforçando a reconhecida atuação do instituto na web, em 2012 é lançado seu novo *site*, com ferramentas de interação do público e ampliando suas bases de dados. Além de informações sobre programação e gestão cultural, o *site* apresenta produtos web, que mais uma vez consolidam a política do Instituto de democratização ao acesso.

Sob a gestão de Milú, os conteúdos das Enciclopédias, que eram exclusivamente de artes visuais, são expandidos abrangendo outras áreas de expressão. Em 2014, as enciclopédias são unificadas e, atualmente, oferecem na web o acesso gratuito a seu conjunto de verbetes e imagens sobre cultura brasileira.

Em 2009, o Itaú Cultural inicia o projeto Ocupação, com mostras sobre artistas de referência, cujo objetivo principal é fomentar o diálogo da nova geração de artistas com os criadores que os influenciaram.

Soma-se ao conjunto as ações de digitalização de acervos de artistas fundamentais, estejam relacionados ao Ocupação ou não. Dessa forma, o instituto une futuro e passado, somando forças a preservação e manutenção de importantes instituições ligadas à memória de artistas como Lygia Clark, Hélio Oiticica, Leonilson, Flávio Império, Regina Silveira, Oscar Niemeyer, João Batista Vilanova Artigas, Zuzu Angel, Elomar, Jorge Mautner e outros. E leva esse legado para as novas gerações.

Em 2013, o Programa Rumos Itaú Cultural passa por radical transformação e aponta para um novo horizonte em relação aos programas de fomento de arte e cultura, colocando em debate o modelo de edital adotado por várias organizações e tão consolidado no país. A nova aposta é na criação sem amarras, revolucionando ao não definir área de expressão, formato, tamanho, duração. O artista e/ou pesquisador passa a ser o real protagonista e indutor do processo.

O resultado é uma grande adesão – recebe mais de 15 mil projetos e chama a atenção de diversas instituições, artistas e formadores de opinião. Entre eles, o Ministério da Cultura (MinC) que demonstra interesse e busca conhecer o programa mais detalhadamente para compor a reflexão

interna que o ministério faz sobre esse tipo de mecanismo. Em 2014, o Rumos anuncia os selecionados – 104 – e as atividades do instituto passam a ser permeadas e oxigenadas pela experiência, convertendo em programação e produtos os resultados recebidos.

Resumindo a missão do instituto, nas palavras de Milú Villela: “O Itaú Cultural trabalha prioritariamente para mostrar ao Brasil todos os brasis culturais que nele habitam”<sup>12</sup>.

## Instituto Moreira Salles

Criado em abril de 1991, o Instituto Moreira Salles (IMS) é uma organização sem fins lucrativos, administrada pela família Moreira Salles, com a finalidade de promover o desenvolvimento de programas culturais atuando principalmente em cinco áreas: fotografia, literatura, iconografia, artes plásticas e música brasileira. Além de desenvolver projetos voltados à formação de público e à divulgação cultural, por meio de exposições de artes plásticas e fotografia, publicações, cursos, seminários, palestras, visitas orientadas e eventos musicais, destaca-se por possuir um representativo acervo em suas áreas de atuação e empreender um trabalho continuado de pesquisa de suas coleções.

A entidade tem suas raízes no antigo Instituto de Artes Moreira Salles (IMS), fundado em 1987, que em 1990 tornou-se a Casa de Cultura de Poços de Caldas. Um ano depois, esta mesma casa seria abrigada dentro do Instituto Moreira Salles como uma de suas iniciativas.

O antigo chalé, projetado e construído pelo arquiteto italiano Giovanni Battista Pansini, em 1894, onde funcionava a Casa de Cultura, passaria a ser a sede do IMS, e para isso foi restaurado entre os anos de 1990 e 1991. Toda a estrutura de madeira foi tratada pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), de São Paulo. Ampla e minuciosa pesquisa foi realizada para recuperar os aspectos originais da centenária construção.

Como o chalé não comportaria as atividades projetadas para um centro cultural, aproveitou-se o enorme terreno atrás do sobrado para se construir um edifício moderno, compatível com as funções programadas. O arquiteto Aurélio Martínez Flores, responsável pelo projeto da agência Unibanco em Poços de Caldas, projetou também a moderna edificação: “O prédio não tem mais do que dois planos, para não se sobrepor ao chalé e também não agredir o espaço circundante, constituído de casas residenciais. Dentro dele abrem-se amplos espaços, com grandes vãos livres, num total de mil metros quadrados. É onde se realizam as exposições, os concertos e as conferências. O chalé ficou reservado aos serviços administrativos e também a exposições”.

Aberto ao público em 1992, o primeiro Centro Cultural do IMS voltado para a população em geral passou também a abrigar parte



Cerimônia de criação do IMS por Walther Moreira Salles, em Poços de Caldas, no ano de 1990.





*Espaço expositivo do Instituto Moreira Salles no Rio de Janeiro.*

do acervo de obras de arte da família, a coleção de fotografias e uma biblioteca com obras de literatura geral e infantil, adquiridas pelos Moreira Salles ao longo do tempo.

Fundador da organização, o embaixador assumiu a Presidência do Instituto Moreira Salles, composta ainda de Fernando Moreira Salles, como vice-presidente, Antônio Fernando de Franceschi, como diretor-superintendente, e Gabriel Jorge Ferreira, como diretor. O Conselho Consultivo foi integrado por intelectuais expressivos: Antonio Candido de Mello e Souza, Francisco Iglésias, Jurandir Ferreira, Décio de Almeida Prado, Otto Lara Resende, Pérsio Arida, entre outros, como seu filho caçula, editor e cineasta, João Moreira Salles.

A um mês de completar 80 anos, Walther Moreira Salles chamava atenção para a importância das raízes, tanto as individuais como as das instituições, afirmando: “De nada vale sermos um bom banco no figurino de Wall Street, se a nossa sede é São Paulo e o nosso destino o Brasil”.<sup>13</sup>

Nesse sentido, o Instituto Moreira Salles e a Casa de Cultura de Poços de Caldas podem ser interpretados como um esforço na recuperação e na valorização das raízes primeiras.

A partir de Poços de Caldas, as atividades do IMS expandiram-se e alcançaram outras cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

Em 1996, o Centro Cultural do IMS chegava a São Paulo, instalando-se na rua Piauí, 844, 1º andar, em Higienópolis. Essa unidade abrigou os acervos iconográficos e documentais, além de arquivos nas áreas de literatura, jornalismo, arquitetura e espaços para exposições, concertos e cursos.

Com o passar dos anos, a área revelou-se pequena para as tantas atividades da instituição. Uma nova coincidência aproximaria o Itaú e o Unibanco: o planejamento da construção da nova sede, exatamente na avenida Paulista, que já abrigava o Instituto Itaú Cultural. As histórias se cruzavam, mesmo pelos caminhos da arte e da cultura, posicionando as respectivas instituições culturais na mesma área geográfica.

Em 1997, inaugurava-se o IMS em Belo Horizonte, localizado no centro da cidade, em edifício datado de 1925, tombado pelo poder público municipal. Exposições, palestras, recitais e cursos figuraram na programação da casa por quase dez anos. Em meados de 2009, o espaço foi transferido pelo IMS, em regime de comodato, para a Fundação Clóvis Salgado, mantida pela Secretaria de Cultura do estado de Minas Gerais. O nome do espaço ficou sendo, então, Centro de Arte Contemporânea e Fotografia, uma vez que o IMS continua a realizar no local exposições de fotografias de seu acervo.

As qualidades arquitetônicas e características espaciais da casa da Gávea, ex-residência da família no Rio de Janeiro, já lhe conferiam

vocação para funções sociais, sendo essa a razão determinante para que o Instituto Moreira Salles, a partir da doação do imóvel feita por Walther à instituição, decidisse preservá-lo como patrimônio cultural da cidade, restaurando-o e adaptando-o para abrigar um centro cultural.

O projeto de Olavo Redig de Campos, concluído em 1951, recebeu então adaptações e ampliações para comportar salas de exposição, arquivo de literatura e arquitetura, laboratório de conservação e restauro, laboratório de fotografia, sala de consulta, sala de aula, auditório, cafeteria e loja. Até mesmo o arquivo documental do arquiteto Olavo Redig de Campos foi doado ao instituto.

Extremamente significativo, o acervo da área de literatura foi formado por meio de doações e aquisições de vários conjuntos, entre eles a biblioteca e o arquivo pessoal do jornalista mineiro Otto Lara Resende; a biblioteca do escritor mineiro Jurandir Ferreira; os arquivos da poeta carioca Ana Cristina Cesar e do professor de literatura e ensaísta Roberto Ventura, além de parte dos livros que pertenciam à biblioteca pessoal de Clarice Lispector e da coleção da escritora Lygia Fagundes Telles.

Já o acervo da área musical do IMS contemplava grande parte da história da música brasileira a partir do século XIX, com destaque para três grandes coleções: a do crítico e historiador José Ramos Tinhorão, a vocação: arte e cultura do fotógrafo e pesquisador Humberto Franceschi e a do compositor e instrumentista Pixinguinha, contando com partituras, fotografias, discos e gravações, livros, jornais, revistas e documentos.

O acervo fotográfico do Instituto Moreira Salles começou a ser reunido em maio de 1998, com a aquisição da Coleção Gilberto Ferrez, que contempla a produção do fotógrafo carioca Marc Ferrez, um dos mais importantes das Américas na virada do século XIX para o XX. Hoje o acervo conta com cerca de 850 mil imagens, parte delas digitalizada e disponível para pesquisas *online*. O foco principal do acervo é a incorporação permanente ou temporária de obras completas de autores de relevância para a história do Brasil e da fotografia, visando sua preservação, pesquisa, acesso e difusão. O trabalho de recuperação física e documental dos acervos fotográficos respeita a consistência e a proveniência das coleções, para que não se percam as referências que permitem entender cada conjunto.<sup>13</sup>

Assim, vale destacar que o Instituto Moreira Salles desempenha a importante função de preservar o patrimônio artístico cultural brasileiro, disponibilizando-o ao grande público, não só com o intuito de divulgar e democratizar o acesso à cultura nacional, mas também com o de fortalecer a memória e a história da produção artística e cultural do país em várias de suas dimensões e expressões estéticas.



*Nova sede do IMS de São Paulo, projeto do Escritório Andrade Morettin Arquitetos, vencedor do concurso para o qual concorreram seis afamados escritórios brasileiros. Localizado na avenida Paulista, em terreno de 1.000 m², entre as ruas Bela Cintra e Consolação, terá 9 andares, destinando-se três deles somente para exposições, abrigando ainda cinema/auditório, biblioteca de fotografia, salas de aula para cursos, cafeteria, loja e a administração do IMS. Projeta-se como museu vertical, planejado para se tornar um polo cultural da região, bem como um novo marco arquitetônico da cidade. Com inauguração prevista para 2017, sua área expositiva será maior do que a atual sede do IMS no Rio de Janeiro. Curiosamente, na outra ponta da Avenida Paulista, se encontra o Instituto Itaú Cultural. Por caminhos vários, as identidades culturais do Itaú e do Unibanco se aproximam ainda mais.*